

UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA EM TEXTOS ORAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ediene Pena Ferreira *

Resumo: Tendo como parâmetro o fluxo de informação de sintagmas nominais no discurso, em textos orais da Língua Portuguesa, de diferentes gêneros, esta pesquisa examina a Estrutura Argumental Preferida da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Estrutura argumental preferida. Fluxo de informação. Padrões gramaticais.

Introdução

Concebendo-se o preceito funcionalista que apregoa padrões gramaticais emergirem do discurso, objetivamos, nesta pesquisa, investigar, em diferentes tipos de gênero de texto, os **padrões gramaticais** que a língua portuguesa apresenta. Pautamo-nos em orientações teórico-funcionalistas de Du Bois (1985,1987), que vê **motivações em competição** como propulsoras de funções gramaticais e pragmáticas de Sintagmas Nominais no discurso, e também de Du Bois & Thompson (1991), que concebem fenômenos discursivos decorrerem do fluxo de informação e assumem, seguindo Chafe (1987, apud DU BOIS; THOMPSON, 1991) como fluxo de informação os aspectos cognitivos e culturais que determinam o modo como o falante “empacota” o conteúdo ideacional que fala.

Por considerarmos, juntamente com Bronckard (1999, p. 137), que o gênero de texto é fator determinante de revelações de atividades de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais, vimos a importância de relacionar os fenômenos aqui examinados com diferentes tipos de gênero de texto orais.

* Professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, Doutoranda da Universidade Federal do Ceará.

Os padrões gramaticais da língua portuguesa foram examinados com base nas restrições gramaticais (Restrição de um argumento lexical e Restrição de **A** não-lexical) e pragmáticas (Restrição de um argumento novo e Restrição de **A** dado) referidas por Du Bois (1985, 1987), decorrentes do fluxo de informação.

A pesquisa contou com doze informantes adultos de diferentes níveis de escolaridade (Fundamental, Médio e Superior). Cada informante produziu cinco textos orais. O assunto era sempre escolhido pelo informante, referente aos gêneros por nós determinados: **Narrativa de Experiência Pessoal; Narrativa Recontada; Descrição de Local; Relato de Procedimento; Relato de Opinião.**

A escolha desses tipos de gênero de texto previu sua adequação a formulações textuais por meio das quais o falante em causa expressa seus objetivos, suas intenções e questões específicas do seu dia-a-dia. Essa composição do *corpus* baseou-se, fundamentalmente, em Furtado (1997), que organizou o *corpus Discurso e Gramática*, na cidade de Natal, com os cinco tipos textuais nas versões oral e escrita.

A hipótese aqui levantada é a de que os padrões gramaticais relacionam-se a diferentes tipos de gênero de texto, segundo o fluxo de informação do discurso.

1. A investigação funcionalista sobre o uso da linguagem

Nas pesquisas lingüísticas, hoje, podemos identificar, em oposição ao campo de investigação construído pela Lingüística Formal – que compreende a língua como sistema fechado e a examina fora de qualquer contexto extra-sentencial – um outro campo de investigação representado pela Lingüística Funcional – que reconhece a língua não como um fenômeno isolado e a investiga observando seu funcionamento no discurso.

Por conceberem a língua como um objeto descontextualizado, uma vez que se preocupam com suas características internas – seus constituintes e as relações entre eles – sem se ater às relações entre

esses constituintes e seus significados ou entre a língua e seu meio, as teorias lingüísticas formais não examinam a língua em uso, não observam o falante em ação interlocutiva.

Opondo-se à concepção formalista, surgem teorias funcionalistas – representadas na Escola de Praga (FONTAINE, 1978), bem como nos modelos de gramática funcional de Givón (1984), Halliday (1985), Dik (1989), dentre outros – segundo as quais a língua deve ser investigada em contextos de uso. Todos os textos – tudo que é dito ou escrito –, de acordo com essa visão, ocorrem em algum contexto de uso.

Enquanto no paradigma formal uma língua natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, o que significa dizer que a língua é estudada em si e por si mesma (SAUSSURE, 1972, p.271); no paradigma funcional, é considerada como produto de interlocução em que as expressões verbais não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis ao uso, logo co-determinadas pragmaticamente.

Assim, para as teorias funcionalistas, existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana, sendo o signo lingüístico motivado e não arbitrário, como se acreditava. A pragmática, no funcionalismo, está intimamente relacionada com a semântica e a sintaxe, englobando-as; a sintaxe reflete o pragmático, via componente semântico, caminho esse inverso ao seguido pelo formalismo.

Halliday (1985) diz que as línguas são desenvolvidas para satisfazer as necessidades humanas; e a maneira como se organizam é funcional em relação a essas necessidades – essa organização não é, portanto, arbitrária: *são os usos da língua que moldam o sistema*. Por essa perspectiva, Halliday (1985) diz ainda que a linguagem – cuja propriedade principal é a capacidade que os seres humanos têm de construir uma representação mental da realidade, para entender suas experiências exteriores e interiores – responde a certas necessidades expressivas, de modo que sua forma é em parte determinada por

essas necessidades. Vemos que, para Halliday (1985), a linguagem é funcional à medida que se estrutura de maneira a responder às necessidades ditadas por suas funções comunicativas.

Concebendo que uma língua funciona por meio de motivações em competição, Du Bois (1985, p. 344) vê que o grande diferencial entre o formalismo e o funcionalismo é que este último considera que, na produção de enunciados, forças internas – fonológicas, sintáticas, semânticas – e forças externas interagem, entrando em competição. Assim, numa análise funcional, não se abstrai o contexto global do discurso, pois é dentro dele que se depreende a correlação forma e sentido.

Por conta disso, Du Bois (1985, p. 343) diz que a língua não pode ser vista como independente das forças externas e propõe que as gramáticas sejam tratadas como *sistemas adaptáveis*. Seriam sistemas, por serem parcialmente autônomos; e seriam adaptáveis, por serem sensíveis a pressões externas. A gramática, para Du Bois (1985, p. 343), é, portanto, sensível, ajustável, passível de acomodação sob pressões de ordem comunicativa. Segundo essa concepção de gramática, certos fenômenos lingüísticos podem ser, ao mesmo tempo, não motivados, sob o ponto de vista sincrônico, e motivados, sob o ponto de vista metagramatical.

Corroborando a visão funcionalista de língua, Dik (1989, p. 4) define a língua natural como um instrumento de interação social, usada com certos propósitos nas interações sociais entre os humanos, não existindo por si mesma e em si mesma como uma estrutura arbitrária. Concordando com esse conceito de língua, Votre; Naro (1989, p. 170) dizem que é “do uso da língua – a comunicação na situação social – [que] origina-se a forma da língua”; do que depreendemos que a forma é derivada do uso e só pode ser explicada levando-se em conta a comunicação.

Ao salientar a importância do papel do contexto, em particular o contexto social na compreensão da natureza das línguas, Dillinger (1991, p. 400) demonstra-se partidário também do conceito

funcionalista de língua acima exposto, porquanto defende que a língua reflete as relações – ou funções – entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social e não as características internas à língua.

Observamos, então, que o funcionalismo lingüístico tem, na concepção de língua e no interesse de investigação lingüística, o grande diferencial dos paradigmas formais. Os funcionalistas concebem a língua como um meio de interação social, contrapondo-se à concepção de língua como sistema com função puramente informativa, defendida pelos formalistas. No paradigma funcional, a investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, porquanto há a preocupação de se buscar a explicação para os fatos de língua na situação comunicativa e nos propósitos interlocutivos dos falantes, o que não é considerado no paradigma formal.

2. A hipótese da Estrutura Argumental Preferida (EAP)

Du Bois (1985, 1987), ao defender o ponto de vista de que a motivação discursiva é responsável pela distribuição dos argumentos expressos por meio de funções gramaticais no discurso, baseou-se no fluxo de informação¹ para examinar o fenômeno da ergatividade e sua relação com padrões gramaticais refletidos no discurso, tendo por base uma língua ergativa: *Sacapulteco*, língua maia, falada na Guatemala.

Concebendo, por outro lado, ser necessário investigar as línguas em uso, pois considera que a gramática codifica melhor o que os falantes mais usam, Du Bois (1985, 1987) viu ser possível descrever que padrões lingüísticos são os mais usados, ou seja, que estrutura é preferida pelos falantes.

¹ O fluxo de informação tem a ver muito mais com o modo como o falante “empacota” a sua mensagem, no momento de transmiti-la ao ouvinte, do que com o conteúdo do enunciado propriamente dito (CHAFE, 1987). Em outras palavras, o fluxo de informação diz respeito aos aspectos cognitivos e sociais do modo como o falante organiza o conteúdo informacional.

Partindo do princípio, então, de que é no discurso que podem ser observadas estruturas preferidas, Du Bois (1985,1987) examinou padrões gramaticais em narrativas orais, e assim observou ser mais provável que os falantes, quando produzem sentenças isoladas, usem dois argumentos lexicais e, conseqüentemente, expressem mais de uma informação nova, e, quando produzem sentenças seqüenciadas no discurso, é mais provável que usem apenas um argumento lexical, que veicula informação nova.

Com relação ao padrão gramatical da ergatividade, Du Bois (1985,1987) observou que há um padrão isomórfico no fluxo de informação, o que o levou a concluir que a distribuição sintática dos SNs não é aleatória; existe uma motivação para tal. Esse padrão isomórfico vem corresponder à Estrutura Argumental Preferida (EAP, daqui em diante), que reflete a configuração dos argumentos mais amplamente utilizada pelos falantes; “não é uma estrutura do discurso, mas uma preferência por uma estrutura sintática” (DU BOIS, 1985, p. 349), sendo, portanto, extremamente significativa para a gramática de uma língua.

Mais especificamente falando, em sua pesquisa, Du Bois (1985, 1987) examinou a função gramatical e discursiva dos argumentos nucleares do verbo, isto é, do sujeito e do objeto e, percebendo a existência de um padrão preferencial no discurso, propôs um conjunto de restrições discursivas que limitam tanto a quantidade de informação que pode ser expressa numa sentença, quanto a função gramatical que veicula essa informação. Assim, Du Bois (1985, 1987) formulou quatro restrições relativas à EAP, duas de ordem gramatical e duas de ordem pragmática.

As duas restrições de ordem gramatical estão relacionadas à ausência ou presença de SNs lexicais na sentença. A primeira é denominada **Restrição de um único argumento lexical**, que pode ser rescrita como **Evite mais de um argumento lexical por sentença**.

O *corpus* utilizado por Du Bois (1985, 1987) mostra que um grande número de argumentos lexicais ocorre nas funções sintáticas de **S**² e **O**, ao passo que na função **A** o número é bastante reduzido. Há, portanto, alguns fatores que favorecem a ocorrência de argumentos plenos em **S** e **O**, e não em **A**. Isso levou Du Bois (1985, 1987) a formular uma outra restrição: **Restrição de A não-lexical**, que pode ser rescrita como **Evite A lexical**.

Há, portanto, uma tendência no discurso para limitar a quantidade de argumentos lexicais, na sentença, a um somente. A escolha do argumento a ser preenchido lexicalmente não é aleatória, a distribuição de um SN pleno favorece certas funções – **S** e **O**. A união daquelas duas restrições forma a dimensão gramatical da EAP. O padrão preferido na ocorrência de argumentos lexicais no discurso é o padrão de verbo mais argumento absolutivo, ou seja, $VSN_{(S,O)}$.

A exemplo da dimensão gramatical, a dimensão pragmática também se constitui de duas restrições. A primeira, **Restrição de um único argumento novo**, refere-se à tendência de se evitar mais de um argumento novo por sentença. Há, portanto, um limite no número de referentes que podem ser introduzidos pela primeira vez no discurso. Os referentes novos, que sempre aparecem configurados lexicalmente, tendem a ocupar a posição dos argumentos em função **S** e **O**, mas raramente ocupam a função **A**. O fato de a função **A** ser menos provável de conter uma informação nova levou Du Bois (1985, 1987) a formular a segunda restrição de ordem pragmática, **Restrição de A dado**, que pode ser rescrita como **Evite A novo**.

Essa restrição refere-se à preferência de se introduzir o elemento novo como objeto de sentença transitiva ou como sujeito de sentença intransitiva, mas não como sujeito de sentença transitiva.

² Neste trabalho, adotamos **A** para Sujeito de Sentença Transitiva; **O** para Objeto de Sentença Transitiva; **S** para Sujeito de Sentença Intransitiva e **X** para Sujeito de Sentença Copulativa; **L** para lexical e **P** para pronominal.

Assim a hipótese da EAP implica que a distribuição sintática de SNs lexicais é determinada, pragmaticamente, por padrões do fluxo de informação no discurso, isto é, um SN pleno é selecionado sempre que o referente representa uma informação nova, já a informação dada pode vir configurada sob forma lexical ou não-lexical, e é mais comum que se apresente desta última forma.

3. Uma investigação da EAP em textos orais

A hipótese da EAP já foi testada em várias línguas. Foi observado que não são apenas as línguas ergativas que possuem padrão preferencial. Esse padrão é comum nas línguas nominativas e ativas – como comprovam estudos já realizados – o que pode implicar a defesa de universalidade de tal padrão. Como exemplos de línguas, além da Sacapulteco, em que a EAP já foi investigada, citam-se o Coreano, Japonês, Chamorro, Hebreu, Papago, Mandarim, Francês, Espanhol e o Português Brasileiro.

Procurando contribuir com a investigação da EAP, analisamos textos orais da Língua Portuguesa. Nesta seção, apresentaremos a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, bem como os resultados obtidos, seguidos de discussão.

3.1 Metodologia

Como já dito, esta pesquisa atenta para o exame da gramática dos argumentos (sob forma lexical ou pronominal – pronome ou elipse) básicos do verbo, considerando-se o fluxo de informação no discurso. Entendemos como argumento os termos exigidos pelo verbo, para que se tenha a predicação nuclear completa (DIK, 1989, p.72)³. Assim, neste estudo, são considerados argumentos verbais os componentes nominais diretamente envolvidos no processo:

³ “Arguments are those terms which are required by some predicate in order to form a complete nuclear predication” (DIK, 1989, p. 72).

como primeiro argumento (Sujeito de sentença transitiva, de sentença intransitiva e copulativa); como segundo argumento (Objeto Direto, Objeto Indireto – quando este funciona como segundo argumento do verbo, e Complemento Locativo⁴).

Consideramos o sujeito de sentença copulativa como outra categoria de argumentos distintos de sujeito de sentença intransitiva, tendo em vista o fato de que essas duas classes de sujeito desempenham funções discursivas distintas: o sujeito de sentença intransitiva serve comumente para introduzir informação no discurso e o sujeito de sentença copulativa, à semelhança do sujeito de sentença transitiva, serve também para manter a informação dada no discurso.

Seguimos aqui as orientações de Ashby; Bentivoglio (1993) – adotadas também por Brito (1996), que concebem os sujeitos de sentença copulativa ter função discursiva semelhante à função de **A**, dado que sua função é predicar uma entidade que já fora apresentada no discurso, ou seja, que já fora introduzida. Procedendo assim, Ashby; Bentivoglio (1993) opõem-se a Du Bois (1987), que, na pesquisa que realizou sobre a língua Sacapulteco, considerou o sujeito de sentença copulativa na classe de sujeito de intransitiva.

⁴ Du Bois (1985, 1987) considera como argumentos básicos do verbo apenas o Sujeito e o Objeto Direto. Neste estudo, entretanto, considera-se que o Objeto Indireto também funciona como argumento básico do verbo, quando estiver funcionando como segundo argumento, como o SN *do filme* na frase *Eu gostei do filme*. Caso o Objeto Indireto apareça como terceiro argumento, não será analisado. São considerados também como argumentos do verbo, os complementos locativos, como *na Pe. Eutíquio*, na sentença *o fica na Pe. Eutíquio*, por se entender que tal sintagma é indispensável à compreensão do enunciado. Dik (1989: 73) assim justifica a classificação dos locativos como argumentos verbais: “Consider the following pair of constructions: (8) a) John bought a car in Amsterdam; b) John lives in Amsterdam. In each of these constructions the constituent *in Amsterdam* has the semantic function of Location. However, in (8a) it has the status of a Level 2 satellite, which locates the whole SoA of John’s buying a car in the spatial dimension, while in (8b) it is an essential argument of the predicate *live*”.

O *corpus* analisado compõe-se de 3362 (três mil trezentos e sessenta e dois) enunciados, selecionados de 60 (sessenta) narrativas orais gravadas em 06 (seis) cidades do Pará – Belém, Bragança, Castanhal, Oriximiná, Santarém e Soure. A decisão de selecionarmos dados de seis municípios expressa a preocupação de promovermos, em parte, a documentação, descrição e análise do português da Amazônia Paraense, no que se refere aos padrões gramaticais em diferentes tipos de gênero de texto.

Optamos por trabalhar com diferentes tipos de gênero de textos por concebermos a importância que têm os gêneros textuais – vistos como consequência do uso da língua – para a compreensão dos fenômenos lingüísticos. Ao nos posicionarmos assim, refletimos o pensamento de Bakhtin (1997), para quem os gêneros textuais formam uma espécie de segundo código que apresenta um tipo de estabilidade dos textos como formas heurísticas para processos cognitivos de interpretação. E chama de gêneros do discurso de enunciados que, mesmo variando em termos de extensão, conteúdo e estrutura, conservam características comuns, a ponto de serem considerados tipos relativamente estáveis.

A seguir, descrevemos sucintamente os tipos de gênero de texto considerados na pesquisa.

❑ **Narrativa Recontada** – tipo de gênero de texto em que o falante não participa como figurante, apenas repassa a seu interlocutor uma história que já lhe foi contada. Essa característica permite-nos prever que esse tipo de gênero de texto favorece a anáfora pronominal de terceira pessoa.

❑ **Narrativa de Experiência Pessoal** – tipo de gênero de texto em que o falante narra algo, vivido ou experienciado por ele, que foi marcante em sua vida. É, portanto, uma história real, sentida, que expressa conflitos, tristezas ou alegrias. Pelo fato de o falante falar de si, esse tipo de gênero favorece o uso da primeira pessoa do discurso.

□ **Descrição de Local** – tipo de gênero de texto em que o falante caracteriza um objeto (neste caso, um local que foi ou é importante para o falante), apresentando suas predicções percebidas por meio dos sentidos. Devido à natureza desse tipo de texto, há um grande número de sentenças copulativas e o predomínio de terceira pessoa sob forma lexical.

□ **Relato de Procedimento** – tipo de gênero de texto que evidencia o processo do fazer, por isso ocorrem, freqüentemente, sujeitos genéricos ou impessoais (ANDRADE, s/d). Para Adam (1993, p.33), esse tipo de gênero de texto, também denominado de **injutivo**, é, a rigor, uma descrição, não merecendo uma classificação à parte, pois apenas descreve o que deve ser ou será feito. Por esse tipo de gênero de texto ser da ordem do EXPOR, do tipo interativo, caracteriza-se pela presença de pronome de primeira, segunda e terceira pessoa, que acumulam freqüentemente um valor dêitico e anafórico (BRONCKART, 1999, p. 271).

□ **Relato de Opinião** – tipo de gênero de texto em que o falante expõe o seu ponto de vista acerca de um determinado assunto, utilizando para tal propósito verbos avaliativos ou subjetivos, e argumentos com caráter mais abstrato. Por ser um tipo de gênero de texto também da ordem do EXPOR, são muito freqüentes as retomadas por meio de anáfora nominais e o uso da primeira pessoa (BRONKART, 1999, p. 271).

Embora os padrões gramaticais resultantes do fluxo de informação, analisados nesta pesquisa, não se caracterizem como fenômenos variáveis, usamos como instrumental estatístico o pacote *Varbrul* (versões 1988/1992).

O exame dos padrões gramaticais pautou-se pelos seguintes procedimentos:

– Testamos a **Restrição de um argumento lexical**, considerando o percentual de argumentos lexical e não-lexical por sentença transitiva;

– Examinamos a **Restrição de A não-lexical**, relacionando os argumentos lexical e não-lexical com as funções sintáticas **A, S, X e O**;

– Testamos a **Restrição de um argumento novo por sentença** e a **Restrição de A não-novo**, relacionando os argumentos lexical e não-lexical com as funções sintáticas **A, S, X e O**.

3.2 Resultados e discussão

Examinando a ocorrência de um argumento lexical por sentença em cada um dos tipos de gênero de texto, observamos que, de modo geral, a distribuição **AP/OL** é superior às outras distribuições (**AP/OP**; **AL/OL**; **AL/OP**), e que os textos de tipo Relato de Procedimento (68%) e Descrição de Local (67%) são os que mais favorecem aquela distribuição. Para esta análise, não nos foi possível utilizar o instrumental estatístico *Varbrul*, porquanto a natureza dos dados implicaria sobreposição de fatores.

3.2.1 Análise dos dados com base na restrição de um argumento lexical

□ **Narrativa de Experiência Pessoal**

A tabela seguinte revela a distribuição das sentenças em Narrativa de Experiência Pessoal:

TABELA 01 - Funções sintáticas **A** e **O** com as categorias **lexical** e **não-lexical** em Narrativa de Experiência Pessoal

Objeto			
		Lexical (OL)	Não-lexical (OP)
Suj.	de trans.	Frequência	Frequência
		Lexical (AL)	12/241 = 5%
Não-lexical	(AP)	130/241 = 54%	92/241 = 38%
Total		137/241 = 56.8%	104/241 = 43.2%

Os dados revelaram que, no tipo de gênero de texto Narrativa de Experiência Pessoal, das 241 ocorrências de sentenças com dois argumentos, o percentual de sentenças com **AP/OL** (130/241 = 54%) foi maior que o percentual de sentenças com **AP/OP** (92/241 = 38%) e bem mais significativo que o percentual de sentenças com **AL/OP** (12/241 = 5%) e com **AL/OL** (07/241 = 3%). Concluímos, então, que, neste tipo de gênero de texto, uma estrutura de dois argumentos favorece a ocorrência de **O** como único argumento lexical. As ocorrências abaixo ilustram o que foi dito.

- (01) ... amanhecemos secando água ... (AP) *ela* vinha (OL) *da parte do esgoto* ... (AP) \emptyset entrou (OL) *no quarto* ... até hoje (AP) *eu* tenho (OL) *essa sensação* ... (Soure)
- (02) ... (AP) *eu* estava fazendo (OL) *Geologia* ... (AP) *eu* comecei a pegar (OL) *bolsa* ... (AP) \emptyset juntar (OL) *um dinheiro* ... pra (AP) \emptyset comprar (OL) *esse computador* ... (Castanhal)

□ Narrativa Recontada

Nesse tipo de gênero de texto, foram encontradas 294 sentenças transitivas, conforme demonstração da Tabela 02:

TABELA 02 - Funções sintáticas **A** e **O** com as categorias **lexical** e **não-lexical** em Narrativa Recontada

Objeto		Suj. de trans.	
		Lexical (OL)	Não-lexical (OP)
		Frequência	Frequência
Lexical	(AL)	22/294=7%	31/294 =11%
Não-lexical	(AP)	131/294=45%	110/294=37%
Total		153/294=52%	141/294=48%

Das 249 sentenças transitivas, 131 são ocorrências de **AP/OL** (131/294 = 45%). Essas ocorrências foram pouco superiores às ocorrências de sentenças com **AP/OP** (110/294 = 37%) e bem superiores às ocorrências com **AL/OP** (31/294 = 11%) e com **AL/OL** (22/294 = 7%). Comprovamos novamente que, em sentenças com dois argumentos, **O** é o argumento mais preenchido lexicalmente, conforme ocorrências abaixo.

(03) ... tinha um menino ... todo dia (AP) *ele* ia tomar (OL) *banho* no rio ... (Santarém)

(04) ... aconteceu uma história de amor ... (AP) *eles* viveram (OL) *uma paixão* ... [...] ela era noiva ... (AP) \emptyset conheceu (OL) *um rapaz pobre* ... (Oriximiná)

Ressaltamos que os tipos de gênero Narrativa Recontada e Descrição de Local foram os que apresentaram, respectivamente, mais e menos sentenças transitivas. Das 1409 sentenças transitivas de todos os tipos de gênero de texto, 365 (ou seja, 26%) ocorreram

em Narrativa Recontada e 206 (ou seja, 15%), em Descrição de Local. Isso se deve, talvez, ao fato de que, no primeiro tipo de gênero de texto, diferentemente do segundo, os propósitos interlocucionais propiciem a realização de eventos que envolvam ação do primeiro argumento em relação ao segundo. Ver tabela abaixo.

TABELA 03 - Sentenças transitivas em todos os cinco tipos de gênero de texto

Função sintática	A
Tipo de textos	
Narrativa Recontada	365 - 26%
Narrativa de Experiência Pessoal	303 - 21%
Relato de Opinião	268 - 19%
Relato de Procedimento	267 - 19%
Descrição de Local	206 - 15%
Total	1409

❑ Descrição de Local

Com base na Tabela 04, a seguir, verificamos que, das 184 ocorrências de sentenças transitivas, o percentual de sentenças com **AP/OL** ($123/184 = 67\%$) foi bem maior que o percentual de sentenças com **AP/OP** ($36/184 = 20\%$), com **AL/OP** ($14/184 = 7\%$) e com **AL/OL** ($11/184 = 6\%$).

TABELA 04 - Funções sintáticas **A** e **O** com as categorias **lexical** e **não-lexical** em Descrição de Local

Objeto			
		Lexical (OL)	Não-lexical (OP)
Suj. de trans.		Freqüência	Freqüência
	Lexical (AL)	11/184=6%	14/184 =7%
	Não-lexical (AP)	123/184=67%	36/184=20%
	Total	134/184=73%	50/184=27%

Concluimos, então, que, nesse tipo de gênero de texto, uma estrutura de dois argumentos favorece a ocorrência de **O** como único argumento lexical, como comprovam as ocorrências (05) e (06).

(05) ... é um shopping que tem escadas ... (AP) \emptyset tem (OL) *uma área de boliche* ... (AP) \emptyset tem (OL) *outra área* ... (AP) \emptyset vende (OL) *eletrodomésticos* ... (Belém)

(06) ... o pessoal tirando peixe da rede ... como (AP) *eu* tive (OL) *oportunidade* de (AP) \emptyset fotografar ... (OL) *aquele peixe estendido na rede* ... na rede não ... naquelas estacas ... (Soure)

❑ Relato de Procedimento

A Tabela 05, disposta abaixo, apresenta a distribuição dos argumentos em textos de Relato de Procedimento:

TABELA 05 - Funções sintáticas **A** e **O** com as categorias **lexical** e **não-lexical** em Relato de Procedimento

Objeto			
		Lexical (OL)	Não-lexical (OP)
Suj. de trans.		Freqüência	Freqüência
	Lexical	(AL)	4/241=2%
Não-lexical	(AP)	164/241=68%	64/241=26%
Total		168/241=70%	73/241=30%

A tabela acima demonstra que, das 241 ocorrências de sentenças com dois argumentos, houve um percentual expressivamente maior de **AP/OL** (164/241=68%) em relação aos percentuais de ocorrência de **AP/OP** (64/241=26%), de **AL/OP** (9/241=4%) e de **AL/OL** (4/241=2%). Os dados indicam, assim, que textos que relatam um procedimento favorecem também a distribuição **AP/OL**.

Conforme dito acima, quando da análise do tipo de gênero de texto Descrição de Local, o tipo de gênero de texto Relato de Procedimento apresentou incidentalmente, em relação às outras distribuições, a distribuição **AP/OL** (68%). A natureza do tipo de gênero de texto Relato de Procedimento, por realçar o(s) objeto(s) do fazer, leva talvez o falante a referir esse(s) objeto(s) mais por meio de itens lexicais do que por pronomes, pelo compromisso que tem de deixar bem claro ao interlocutor os procedimentos do fazer daquele(s) objeto(s) em causa. Os exemplos abaixo ilustram o que foi dito.

- (07) ... (AP) eu sei (OL) receita de torta salgada ... (AP) tu compra (OL) um pão ... (AP) Ø corta (OL) a beiradinha ... (AP) você vai umedecer (OL) esse pão ... (Belém)

- (08) ... tá tudo anotado ... quanto tempo (AP) ela vai passar (OL) no canteiro[...] (AP) Ø tenho que fazer (OL) o transplante ... [...] (AP) já está (OL) no canteiro definitivo ... (Soure)

□ Relato de Opinião

A distribuição de sentenças, em Relato de Opinião, é apresentada na tabela abaixo.

TABELA 06 - Funções sintáticas **A** e **O** com as categorias **lexical** e **não-lexical** em Relato de Opinião

Objeto		Suj. de trans.	
		Lexical (OL)	Não-lexical (OP)
		Frequência	Frequência
Lexical	(AL)	24/223=10,3%	22/223=9,7%
Não-lexical	(AP)	122/223=55%	55/223=25%
Total		146/223=65,4%	77/223=34,6%

Os resultados referentes ao tipo de gênero de texto Relato de Opinião demonstram que, também, o percentual de **AP/OL** (122/223=55%) foi significativamente superior ao percentual de **AP/OP** (55/223=25%), de **AL/OL** (24/223=10,3%) e de **AL/OP** (22/223=9,7%). Com base nos dados apresentados na Tabela 06, confirmamos que o tipo de gênero de texto Relato de Opinião favorece **O** como único argumento preenchido na sentença, conforme ocorrências (09) e (10).

- (09) ... (AP) *nós* estamos vivendo (OL) *um momento político* ... (AP) *eu* tenho (OL) *uma opinião* ...o governo anterior não trabalhou aqui em Oriximiná ... (AP) Ø deu (OL) *muito emprego* ... mas (AP) Ø não trabalhou (OL) *na cidade* ... (Oriximiná)

- (10) ... você trabalha ... (AP) Ø faz (OL) *seu plano de aula* ...
 (AP) Ø leva (OL) *materiais* ... quando chega na hora de
 (AP) Ø fazer (OL) *avaliação* ...você marcou de antemão
 ... (AP) Ø entregam (OL) *a prova* ... não escrevem nada
 ... (Santarém)

3.2.2 Análise dos dados com base na restrição de A não-lexical

Observamos que todos os tipos de gênero de texto analisados comprovam a Restrição de **A** não-lexical. Ressaltamos, no entanto, que os tipos de gênero de texto Relato de Procedimento e Narrativa Recontada são os que, respectivamente, favorecem mais e menos significativamente aquela restrição.

□ Narrativa de Experiência Pessoal

Observamos, na tabela a seguir, que o peso relativo atribuído às ocorrências de **A** lexical (.19) é bem inferior à frequência atribuída às ocorrências de **O** lexical (.80), o que indica que esse tipo de gênero de texto favorece a Restrição de **A** não-lexical.

TABELA 07 - Categorias morfológicas e sintáticas em Narrativa de Experiência Pessoal

Cat. Morfológica Função Sintática	Lexical	Não-lexical
	Frequência Peso relativo	Frequência Peso relativo
Suj. de transitiva A	21/303=7% .19	282/303=93% .81
Suj. de intransitiva S	23/72=32% .41	49/72=68% .59
Suj. de copulativa X	33/81=41% .32	48/81=59% .68
Objeto O	139/247=56% .80	108/247=44% .20
Total	216/703=31%	487/703=69%

Por outro lado, observamos que as ocorrências de **S** lexical e de **X** estão mais próximas de **A** lexical do que de **O**. Esse fato parece estar intimamente relacionado à natureza do texto de tipo Narrativa de Experiência Pessoal. Nesse tipo de gênero de texto, pelo fato de o falante relatar algo que vivenciou em sua vida particular, esperamos que o tópico discursivo se configure incidentalmente como sujeito e sob forma de primeira pessoa, conforme ocorrências abaixo.

- (11)... (A) *eu* vim pra cá ... você sabe ...quando (A) *a gente* entra na luta ... ninguém sai mais ... e lá ... (A) *eu* me senti mal ... (A) *eu* me senti sem ambiente ... (Belém)
- (12) ... mas ... (X) *eu* já tava decidido né? ... (A) *eu* digo não ... agora (A) *eu* tenho que ir ... e (A) \emptyset fui ...[...] (X) *eu* já era universitário ... (Soure)
- (13) ... (A) *eu* estava fazendo Geologia ... (A) \emptyset comecei a pegar bolsa ... juntar um dinheirinho ... muita coisa (A) *eu* deixei de fazer ... pra (A) \emptyset juntar um dinheiro ... pra (A) \emptyset comprar um computador ... sei que (A) *eu* tava ... (A) *eu* tava juntando esse pouquinho ... (S) *eu* não trabalhava ...(Castanhal)

□ Narrativa Recontada

A Tabela 08, a seguir, demonstra que a categoria morfológica lexical aparece mais na função **O** (.68) e menos na função **A** (.31), confirmando, assim, a Restrição de **A** não-lexical.

TABELA 08 - Categorias morfológicas e sintáticas em Narrativa Recontada

Cat. Morfológica Função Sintática	Lexical		Não-lexical	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Suj. de transitiva A	67/365=18%	.31	298/365=82%	.69
Suj. de intransitiva S	46/102=45%	.38	56/102=55%	.62
Suj. de copulativa X	37/96=39%	.45	59/96=61%	.55
Objeto O	156/301=52%	.68	145/301=48%	.32
Total	308/864=35%		558/864=65%	

Verificamos, ainda, que os pesos relativos atribuídos às ocorrências de **S** (.38) e de **X** (.45) aproximam-se mais de **A** (.31) do que de **O** (.68). Em tipos de gênero de texto Narrativa Recontada, o falante narra algo que lhe foi relatado. Esse tipo de gênero de texto, por ser um discurso reportado, ou seja, percebido pelo falante como a enunciação de outrem (BAKHTIN, 1992, p 144-5), procura manter o tópico como sujeito em terceira pessoa.

As ocorrências (14), (15), (16) ilustram o que foi dito.

(14) ... e ela ... disse... (S) *ela* achava graça no início ... até que um dia (A) *ela* disse ... sabe que ...eu estive pensando no que você me disse ... é ... eu acredito de eu ter os olhos verdes ... foi em virtude da minha mãe ... que era escrava ... (Santarém)

(15) ... então (A) \emptyset começaram a falar nessa 'nega do time negra ... que toda vez no carnaval tinha ... (X) \emptyset era uma boneca grande ... toda ... toda morena mesmo ... todo ... todo traje característico ... aquela toca na cabeça ... aquela roupa assim de baiana ... então (X) \emptyset era muito grande ... (Bragança)

- (16) ... aconteceu (S) *uma história de amor*que foi com ...
 uma senhorita lá... que eu não me lembro o nome ... e
 com o ator Leonardo de Caprio.. que chamava-se Jack
 ... então (A) *eles* viveram uma ... uma paixão assim ...
 (Oriximiná)

❑ Descrição de Local

Verificamos, na Tabela 09, a seguir, que o tipo de gênero de texto Descrição de Local também comprova a Restrição de **A** não-lexical, porquanto o peso relativo atribuído às ocorrências de **A** lexical (.21) é significativamente inferior ao peso atribuído às ocorrências de **O** lexical (.83). As ocorrências abaixo comprovam essa estatística.

TABELA 09 - Categorias morfológicas e sintáticas em Descrição de Local

Cat. Morfológica		Lexical		Não-lexical	
		Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Função sintática					
Suj. de transitiva	A	14/267=5%	.13	253/267=95%	.87
Suj. de intransitiva	S	21/40=52%	.75	19/40=47%	.25
Suj. de copulativa	X	19/64=30%	.47	45/64=70%	.53
Objeto	O	170/241=71%	.87	71/241=29%	.13
Total		224/612=37%		388/612=63%	

- (17) ... (A) *você* entra (O) *num corredor* ... (A) \emptyset vai dar (O)
 num corredor imenso ... (A) *você* entra (O) *lá* ... (A) *você*
 vê (O) *aquela casa* ... quando (A) *eu* entrei ... (A) *eu*
 senti (O) *um impacto* ... (A) *eu* cheguei (O) *pra parte*
 externa ... (Belém)

- (18)... (A) Ø temos lá (O) *muitos gados* ... (A) Ø temos (O) *um igarapé* ... (A) Ø temos (O) *um localzinho* ... (Soure)
- (19)...(A) *voce* percebe (O) *a vida* [...] quando (A) *voce* atravessa (O) *o rio* ... e (A) Ø começa a percorrer (O) *os igarapés* ... (A) *voce* encontra (O) *pequenas cachoeiras* ... (Bragança)

Notamos que sentenças monoargumentais intransitivas apresentam, nesse tipo de gênero de texto, configuração morfológica de **S** (.71) mais próxima da de **O** (.83) do que de **A** (.21). Esse dado confirma que **S** introduz mais referentes novos, com o traço [-animado] do que referentes dados, com o traço [+animado]. As ocorrências (20), (21), (22) a seguir, apresentam **S** configurado com características de **O**.

- (20) ... como eu tive oportunidade de fotografar ...aquele peixe estendido na rede ... na rede não ... naquelas estacas ... como os pescadores costumam chamar ... né ... e (S) *aquele sol* vem nascendo ... né... apareceu aqueles peixes nas redes pendurados ... (Soure)
- (21) ... tem (S) *um estacionamento* muito amplo ... que ... que não dificulta a entrada ... tanto de taxista ... como de pessoas mesmo que ... de carros particulares (Belém)
- (22) ... existem vários lugares aqui próximo ... de Castanhal ... vinte minutos pra chegar lá ... (S) tem *o Água Fria* ... (Castanhal)

Por outro lado, as sentenças monoargumentais copulativas apresentaram configuração morfológica de **X** (.37) mais próxima da **A** (.21) do que de **O** (.83) lexicais. Isso se deve, talvez, ao fato de que **X** raramente introduz informação nova nesse tipo de texto. Em todos os enunciados a seguir, **X** mantém o tópico sob forma não-lexical.

- (23) (X) o meu paraíso mesmo ... é a praia do Araruna ... né?... hoje já (X) Ø está um pouco devastada pela

natureza...né? ... pelo homem também ...né... mas (X)
 Ø já foi muito bonita ... (X) Ø já foi muito povoada...
 né... (X) *aquilo* era um paraíso (Soure)

- (24) ... então eu vou falar da praça da saudade ... (X) *a praça da saudade* é uma praça ... que guarda muitos mistérios ... esconde muitos chifres (risos) ... traições ... (X) Ø é uma praça que fica de frente pro rio ... então (X) Ø é uma praça muito tranqüila ... por sinal ... apesar de (X) Ø ser tranqüila ... ela fica próximo ao cemitério ... onde causa um certo clima ... entende? ... então o pessoal fica lá ... curte namoro ... essas coisas mais ... é assim .. discretas ... acontecem lá ... (X) Ø é uma praça onde a gente curte o pôr do sol ... (Oriximiná)

□ Relato de Procedimento

Os dados, apresentados na Tabela 10, abaixo, indicam ser possível afirmar que textos que relatam um procedimento favorecem a Restrição de **A** não-lexical. O peso relativo atribuído às ocorrências de itens lexicais na função **A** (.13) é bem inferior ao atribuído às ocorrências de itens lexicais na função **O** (.87).

TABELA 10 - Categorias morfológicas e sintáticas em Relato de Procedimento

Cat. Morfológica Função sintática	Lexical		Não-lexical	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Suj. de transitiva A	14/267=5%	.13	253/267=95%	.87
Suj. de intransitiva S	21/40=52%	.75	19/40=47%	.25
Suj. de copulativa X	19/64=30%	.47	45/64=70%	.53
Objeto O	170/241=71%	.87	71/241=29%	.13
Total	224/612=37%		388/612=63%	

Esses resultados demonstram que o tipo de gênero de texto Relato de Procedimento, conforme já dito, evidencia mais que os outros tipos de gênero de texto analisados a Restrição de **A** não-lexical. Talvez esse tipo de gênero de texto assim se apresente pelo fato de expressar um fazer e, ao reportar-se às etapas relativas a esse fazer, introduz entidades novas no discurso referentes ao(s) objeto(s) desse fazer.

(25) (A) eu sei (O) *receita de torta salgada* ... (A) tu compra (O) *um pão de forma* ... (A) Ø corta (O) *a beiradinha* ... (A) você vai umedecer (O) *esse pão* ... (A) Ø molhar (O) Ø todinho com leite ... (Belém)

(26) ... e (A) eu gosto (O) *muito da alface* ... tá tudo anotado tá tempo que ela germinou ... quanto tempo (A) ela vai passar (O) *no canteiro* de ... né ... no canteiro de repicagem ... o transplantio quantos dias (A) Ø tenho que fazer (O) *o transplantio* ... [...] bom ... já (A) Ø esta (O) *no canteiro definitivo* ... se (A) Ø não corro (O) *o risco* dela ficar amarga ... e tudo isso (Soure)

Quanto às ocorrências monoargumentais, observamos que **X** lexical (.47) apresentou peso relativo intermediário entre **A** (.13) e **O** (.87) e que **S** lexical (.75) apresentou peso relativo consideravelmente mais próximo de **O** lexical (.87) do que de **A** lexical (.13), à semelhança do texto do tipo de gênero Descrição de Local. É mais provável, portanto, que em textos que relatam um procedimento **S** introduza também mais referentes novos. Todos os segmentos abaixo comprovam esse fato.

(27) ... geralmente quando tem (S) *essas coisas* ... o pessoal fica ... “chama logo o Rafael ... chama logo o Rafael” ... aí tem (S) *a brincadeira da vaca pintada* ... que a gente faz também ... que é parecida com a do boi ... tem (S) *a farinhada*... (Bragança)

- (28) ... tem (S) *um aparelho* que se chama palmtop ... tá... então nesse aparelho ... ele é ... eu tenho de fazer o seguinte nele ... todo santo dia ... não pode faltar ... é ... (S) *a recepção* ... eu pego o aparelho ... coloco na energia ... introduzo na energia ... o fio do aparelho ... e tem (S) *um outro fio* ... que se chama fax ... (Santarém)
- (29) tem (S) *uma coisa* que... eu faço constantemente ... e que ... serve de relaxamento ... é ...pra mim ... e que ... que na minha adolescência ... quando eu era mais ... é ...quando eu estava entrando na ... adolescência ... né ... (Oriximiná)

□ Relato de Opinião

Esse tipo de gênero de texto confirma a Restrição de **A** não-lexical. A Tabela 11, a seguir, demonstra que o peso relativo atribuído às ocorrências de **A** lexical (.27) é inferior ao peso atribuído às ocorrências de **O** lexical (.75). O narrador, por opinar sobre algo, vale-se recorrentemente da primeira ou terceira pessoa, pois deseja ora evidenciar o que julga sobre algo ou o que é objeto de sua argumentação para assegurar seu ponto de vista acerca do que opina.

TABELA 11 - Categorias morfológicas e sintáticas em Relato de Opinião

Função sintática \ Cat. Morfológica	Lexical		Não-lexical	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Suj. de transitiva A	51/268=19%	.27	217/268=81%	.73
Suj. de intransitiva S	36/69=52%	.63	33/69=48%	.37
Suj. de copulativa X	24/72=33%	.44	48/72=67%	.56
Objeto O	145/224=65%	.75	79/224=35%	.25
Total	256/633=40%		377/633=60%	

- (30) ... (A) Ø e tomam (O) essas atitudes ... assim ... autoritárias ... que eu acho uma falta de respeito com o ser humano ... com o profissional público ... e aí o que é que acontece ... o que se discute hoje ... qualidade de ensino ... não que quando (A) Ø se prejudica (O) *a universidade* ... (A) *you* está prejudicando (O) *todo o sistema* ... toda a produtividade ...[...] mas (A) Ø não se está refletindo (O) *sobre a qualidade de ensino* ... (Bragança)
- (31) ... (A) *eles* têm que conversar mais (O) *com os filhos* ... (A) *eles* têm que preparar mais (O) *as crianças* ... psicologicamente ... (A) Ø parar de ver (O) *o sexo como bicho de sete cabeças* ... e que ... (A) Ø se libertar ... (O) *daqueles padrões religiosos* ... (Oriximiná)

A exemplo de O (.75), a função S também apresentou um número bastante significativo de itens lexicais (.63), do que se conclui ser mais provável que, nesse tipo de gênero de texto, S introduz mais informação nova do que mantém o tópico.

- (32) ... às vezes ... há (S) *aquela dispersão* ... onde se fica a desejar ... o catolicismo ... o protestantismo ... e há (S) *aquela diversificação de crenças* ... quando sabemos que o Deus é o mesmo ... (Soure)
- (33) ... e tem (S) *peessoas* que ficam ... assim ... querendo voltar ... e eu acho que essas pessoas ... não têm esse mérito de voltar pra prefeitura ... pra governar Oriziminá ... porque (S) *esse governo de agora* ... tá trabalhando ... (Oriziminá)

Novamente, os pesos relativos atribuídos à ocorrência de itens lexicais na função X (.44) apresentaram-se mais próximos de A (.27) que de O (.75). Esses dados indicam que textos que relatam opinião favorecem a ocorrência de X mais como veiculador de informação dada.

- (34) ... (X) *eu* sou Remo de coração ... [...] (X) \emptyset já foi vinte e cinco vezes campeão ... (X) \emptyset é o time que tem mais título ... recordista de título é (X) *o clube do Remo* ... (X) \emptyset é o time que teve um tabu ... (Belém)
- (35) ... a Universidade é muito mais que isso ... (X) \emptyset é ensino ... pesquisa ... extensão ... tudo isso está sendo penalizado ... (X) \emptyset um dos elementos chave é o profissional da educação ... (X) \emptyset é o docente ... (X) ele \emptyset é o elemento chave desse processo ... (Bragança)

3.2.3 Análise dos dados com base na dimensão pragmática

Estudando a distribuição dos SNs plenos em uma sentença, Du Bois (1985, 1987) observa que essa distribuição está relacionada ao *status* da informação (nova X dada)⁵ a ser veiculada. Há, portanto, como mencionamos acima, uma relação necessária entre a dimensão gramatical da EAP e a seleção do número de informação nova que pode aparecer na sentença, bem como a função sintática que essa informação pode desempenhar – Du Bois (1985, 1987) chama a isso dimensão pragmática da EAP.

Nesta pesquisa, verificamos que todos os tipos de gênero de texto confirmam de modo bastante significativo a **Restrição de A não-novo** visto que o peso relativo atribuído às ocorrências de informações novas, na função **A**, é inferior ao peso atribuído às ocorrências de informações novas na função **O**. Portanto, nesse particular, a natureza do tipo de gênero de texto considerado na pesquisa não interfere na **Restrição de A não-novo**. Verificamos, nas tabelas abaixo, a frequência e o peso relativo nos tipos de texto utilizados no *corpus*.

⁵ Du Bois (1987) cita Chafe (1987), que se refere ao significado das categorias **novo** e **dado** como um processo de transferência de informação pelos usuários de uma língua. Ao falar sobre o fluxo de informação, Chafe (1987) considera três tipos de conceitos que foram classificados como **ativo**, **inativo** e **semi-ativo**. Du Bois (1987) os renomeia e usa os termos **dado**, **novo** e **acessível**, respectivamente. Este estudo só trabalha com as categorias **novo** e **dado**.

TABELA 12 - Informação nova e funções sintáticas em Experiência Pessoal

Função Sintática	Informação Nova	
	Frequência	Peso relativo
Sujeito de transitiva A	15/303=5%	.21
Sujeito de intransitiva S	16/72=22%	.59
Sujeito de copulativa X	20/81=25%	.62
Objeto O	109/247=44%	.80
Total	160/703=23%	

TABELA 13 - Informação nova e funções sintáticas em Narrativa Recontada

Função Sintática	Informação Nova	
	Frequência	Peso Relativo
Sujeito de transitiva A	24/365=6%	.24
Sujeito de intransitiva S	33/102=32%	.71
Sujeito de copulativa X	19/96=20%	.55
Objeto O	107/301=36%	.73
Total	181/864=21%	

TABELA 14 - Informação nova e funções sintáticas em Descrição de Local

Funções Sintáticas	Informação Nova	
	Frequência	Peso Relativo
Sujeito de transitiva A	19/206=9%	.25
Sujeito de intransitiva S	26/51=51%	.77
Sujeito de copulativa X	15/111=14%	.33
Objeto O	99/185=54%	.79
Total	159/553=29%	

TABELA 15 - Informação nova e funções sintáticas em Relato de Procedimento

Função Sintática	Informação Nova	
	Frequência	Peso Relativo
Sujeito de transitiva A	9/267=3%	.25
Sujeito de intransitiva S	19/40=47%	.82
Sujeito de copulativa X	10/64=16%	.48
Objeto O	124/241=51%	.84
Total	162/612=26%	

TABELA 16 - Informação nova e função sintática em Relato de Opinião

Função Sintática	Informação Nova	
	Frequência	Peso Relativo
Sujeito de transitiva A	33/268=12%	.28
Sujeito de intransitiva S	25/69=36%	.61
Sujeito de copulativa X	18/72=25%	.48
Objeto O	114/224=51%	.84
Total	190/633=30%	

As ocorrências abaixo ilustram o que foi dito.

- (36) ... aí (A) nós tínhamos (O) *uma banquinha* que... os pés dela ... né ... balançava tudo ... e nessa noite ... quando choveu muito ... (A) Ø dormia (O) *numa caminha* daquelas de ferro ... bem baixinha ... caiu a banquinha ... com os nossos livros ... tudinho ... (Narrativa de Experiência Pessoal, Soure)
- (37) ... (A) *eles* viveram (O) *uma paixão* ... a família dela não gostava disso ... ela queria que (A) *ela* se casasse (O) *com*

um cara ... ela era noiva ... (A) Ø conheceu (O) um rapaz pobre ... (Narrativa Recontada, Oriximiná)

(38) ... (A) *ele* tem assim (O) *uma quadra* ... (A) Ø tem (O) *um parquinho* ... (A) Ø tem (O) *uma praça* ... tem as bancas lá ... pra todo mundo ficar à vontade ... tem o barzinho lá ... (Descrição de Local, Santarém)

(39) ... (A) *eu* trabalho (O) *com pintura* ... (A) *eu* pinto (O) *faixas* ... primeiro (A) *eu* pego (O) *uma régua* ... (A) Ø risco (O) *uma linha* ... (A) Ø meço (O) *o tamanho da letra* ... risco outro ... aí (A) *eu* traço (O) *dois riscos no meio* ... (Relato de Procedimento, Oriximiná)

(40) ... os empresários se reúnem ... (A) Ø elege (O) *um prefeito* ... o Edmilson não ... (A) *ele* nasceu (O) *do movimento de classe* ... (A) *ele* tá fazendo (O) *um governo muito bom* ... (Relato de Opinião, Belém)

Notamos que, de todos os tipos de gênero de texto, apenas o tipo de gênero de texto Narrativa de Experiência Pessoal apresentou o peso relativo atribuído à função **X** (.62) mais próximo de **O** (.80) que de **A** (.23), o que revela que **X** veicula mais informação nova que dada. Esse fato foge ao previsto na hipótese da EAP, pois esperamos que o falante evite introduzir referentes novos nas funções **A** e **X**, preferindo a função **O** seguida da função **S** (ASHBY; BENTIVOGLIO, 1993, p. 70). O tipo de gênero de texto Descrição de Local apresentou **X** (.33) mais próximo de **A** (.25) e os tipos de gênero de texto Narrativa Recontada **X** (.55), **O** (.77) e **A** (.24), Relato de Procedimento **X** (.48), **O** (.84) e **A** (.25) e Relato de Opinião **X** (.48), **O** (.84) e **A** (.28) apresentaram pesos relativos intermediários.

(41) (**X**) *a Narrativa de Experiência Pessoal* que marcou a minha vida ... foi a época em que eu passei no seminário ... (...) foi um chamado que eu recebi ... só que infelizmente ... depois eu descobri que ... (**X**) *a minha vocação* não era essa ... que o sacerdócio não ficou pra mim ... (Soure)

- (42) ... ficava com uma garota ... depois ficava com outra ... apesar de ter toda uma formação religiosa ... que ... (X) *Bragança* é muito forte nesse sentido ... né? ... de repente encontrei essa garota ... nós só tínhamos uma coisa em comum ... (X) *o resto* era tudo diferente ... (Bragança)

Ressaltamos, ainda, que, em todos os tipos de gênero de texto, exceto o de Narrativa de Experiência Pessoal, observamos que **S** está mais próximo de **O** do que de **A** (ver tabelas 12, 13, 14, 15 e 16, acima), o que sugere que **S** comporta mais referentes com traço [- animado].

- (43) ... eu vou opinar sobre a greve da UFPA ... eu sou a favor da greve ... nós estamos sentindo na pele esses problemas ... aí (S) *nosso padrão de vida* tem que mudar ... aumenta (S) *a taxa de energia elétrica* ... (Relato de Opinião, Castanhal)
- (44) ... tem (S) *um aparelho* que se chama palmtop ... tá? ... então nesse aparelho ... eu tenho que fazer o seguinte nele ... todo santo dia ... não pode faltar ... (Relato de Procedimento, Santarém)

Conclusão

Tendo como parâmetro o fluxo de informação de SNs no discurso em textos orais da Língua Portuguesa, de diferentes tipos de gênero de texto, este artigo, examinou **padrões gramaticais** dessa língua.

Na análise de tais padrões, verificamos que o fluxo de informação funciona como fator determinante da realização de argumentos lexical e não-lexical; e da veiculação de informação nova x dada, no discurso, independentemente do tipo de gênero de texto. No entanto, os resultados permitiram concluir que há tipos de gênero de texto que favorecem em maior ou menor grau a configuração daqueles padrões.

Quanto ao número de argumentos lexicais por sentença, a pesquisa mostrou que a distribuição **AP/OL** foi a preferida em relação às demais em todos os tipos de gênero de texto, o que confirma a hipótese da EAP. Todavia, os tipos de gênero de texto **Relato de Procedimento** e **Descrição de Local** foram os que mais favoreceram essa distribuição. A natureza descritiva desses tipos de gênero de texto parece justificar a ocorrência de mais itens lexicais em **O**. A distribuição **AL/OP** apresentou o maior número de ocorrências no tipo de gênero de texto **Narrativa Recontada**, resultado esse que talvez se justifique por esse tipo de gênero de texto corresponder a discurso do tipo reportado (ver características desse tipo de discurso a seguir).

No que diz respeito ao número dos argumentos lexical e não-lexical relacionado às funções sintáticas **A**, **S**, **O** e **X**, concluímos que o tipo de gênero de texto **Relato de Procedimento** favorece mais significativamente argumentos não-lexicais na função **A**, ao passo que o tipo de gênero de texto **Narrativa Recontada** favorece menos. Esse resultado talvez assim se apresente pelo fato de aquele tipo de gênero de texto ser um tipo de relato monotemático, porquanto discorre sobre um único objeto de um fazer, e, dessa forma, o tópico, referente a esse objeto, é retomado várias vezes no discurso; e este tipo de gênero de texto, por outro lado, ser um discurso reportado, e, assim, veicular provavelmente informações referentes a mais de um tópico agentivo, o que, conseqüentemente, oportuniza a introdução de protagonistas novos na narrativa.

Observamos que, quanto à restrição de **A** não-novo, em todos os tipos de gênero de texto, **A** ocorreu mais incidentalmente como informação dada. Ressaltamos, no entanto, que os tipos de gênero de texto **Narrativa de Experiência Pessoal** e **Narrativa Recontada** favorecem a realização da categoria **X** novo. Esse resultado foge ao esperado pela teoria lingüística, que prevê **X** favorecer mais referentes dados que novos, em decorrência do fato de sentenças copulativas terem como função precípua a de predicar argumentos já mencionados no discurso e não de introduzi-los.

Ressaltamos, ainda, que todos os diferentes tipos de gênero de texto favorecem a ocorrência da categoria **S** novo, fato esse que denuncia a realização de padrão ergativo na língua portuguesa. Observamos, por outro lado, que, quanto às características semânticas de **S**, essa categoria apresenta-se mais próxima de **A**, em três tipos de gênero de texto: **Narrativa de Experiência Pessoal**, **Narrativa Recontada** e **Relato de Opinião** e mais próxima de **O**, apenas, em dois tipos de gênero de texto: **Relato de Procedimento** e **Descrição de Local**.

Com base nos resultados obtidos, comprovamos que os padrões gramaticais encontrados no discurso, o tipo de alinhamento dos argumentos básicos do verbo e a pressão de informação referente à manutenção do tópico são moldados pelo fluxo de informação e, em maior ou menor grau, estão relacionados ao tipo de gênero textual.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *Les textes: types et prototypes*. Récit, descriptin, argumentation et dialogue. Paris: Nathan, 1993.
- ANDRADE, M. L. Fabrício de. *Gêneros e tipos: uma aproximação*. São Paulo: UNESP. Disponível: <http://www.filologia.org.br/soletras/2/06.htm>. Acesso em: 06 de abril de 2002.
- ASHBY, W. J.; BENTIVOGLIO, P. Preferred argument structure in spoken french and spanish. *Language Variation and change*, Cambridge, v. 5, p. 61-76, 1993.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: M. Fonte, 1997. p.277-289.

BRITO, C. M. C. *A transitividade verbal na língua portuguesa: uma investigação de base funcionalista*. Tese (Doutorado), Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1996.

BRONCKART, J – P. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo socio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

CHAFE, Wallace L. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, Russell S. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam, Philadelphia: University of California, Santa Bárbara, 1987.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Holland/ Providence: Foris Publications. Dordrecht, 1989.

DILINGER, M. Forma e função na lingüística. *DELTA*, São Paulo, v.7, no 1, p. 395-407, 1991.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed). *Iconicity in syntax*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1985.

_____. The discourse basis of ergativity. *Language*. Baltimore, v. 63, no 4, dec.1987.

DU DOIS, J. W.; THOMPSON.S. *Dimensions of a theory of information flow*. Progress. Ms, UC Santa Bárbara [s.n.] 1991.

DUTRA, Rosália. The hybrid S category in Brazilian Portuguese: some implications for word order. *Studies in Language*. Philadelphia, v.11, no 1, 1987.

FONTAINE. *O círculo lingüístico de Praga*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FURTADO, M. A.(org.). *Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: Editora universitária da UFRN, 1997.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction of functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEZZATI, Erotilde Goreti. *A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais*. Tese (Doutorado), Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1992.

SANKOFF, D. Variable Rules. *Sociolinguistics : an international handbook of the science of language and society*. In: AMMON, U.; DITTMAR, N., MATTHEIER, K. J. (eds.) Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-98.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 19ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

VOTRE, S.; NARO, A. Mecanismos funcionais do uso da língua. *DELTA*, São Paulo, v. 5, no 2, p. 169-184, 1989.